

# Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias: Riachuelo na história e na memória\* 1

## A naval battle centers itself a century of glory: Riachuelo in history and memory

**José Miguel Arias Neto**

*Professor de História Contemporânea. Universidade Estadual de Londrina e dos Programas de Pós-Graduação em História Social (UEL) e História e Regiões (Unicentro). Bolsista Produtividade CNPq N2.*

A crônica é a forma fundamental para a historiografia,  
Assim como o épico o é para a poesia.

*Georg Gottfried Gervinus,*  
Fundamentos de Teoria da História, 1837

### RESUMO

Este artigo tem por objetivos desenvolver uma reflexão sobre as representações, a memória e as apropriações da Batalha Naval do Riachuelo pelos diversos grupos políticos e militares ao longo do Segundo Reinado e nas duas primeiras Décadas Republicanas. Tem como objeto/fontes a imprensa em geral, a imprensa militar, diários, memórias, crônicas, folhetos e imagens. O objetivo é compreender os múltiplos significados que a vitória brasileira no Riachuelo foi adquirindo ao longo da História e refletir sobre seus possíveis significados contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política, representações, Batalha Naval do Riachuelo

### ABSTRACT

This article aims to develop a reflection on the representations, memory and appropriations of the Battle of Riachuelo by various political groups and military throughout the Second Empire and the first two Republican decades. It has as object/sources the press in general, the military press, diaries, memoirs, essays, brochures and images. The goal is to understand the multiple meanings that the Brazilian victory in Riachuelo has acquired throughout history and reflect on its possible contemporary meanings.

**KEYWORDS:** Politics, representations, Battle of Riachuelo

---

\* Artigo recebido em 26 de maio de 2015 e aprovado para publicação em 01 de junho de 2015.

## INTRODUÇÃO

1864.2014. 150 anos da Guerra do Paraguai. 1865.2015. Cento e cinquenta anos da Batalha Naval do Riachuelo. Deve-se comemorar? Não parece haver, quer nos antigos aliados que configuram a Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai, quer no Paraguai, antigo inimigo, hoje parceiro do Mercosul, ninguém que deseje comemorar o início da Guerra da Tríplice Aliança. E por que então dever-se-ia comemorar a Batalha Naval do Riachuelo?

Em 1864, a Guerra do Paraguai era vista como um conflito civilizatório e justo, em que o Império do Brasil e seus aliados lutaram contra o governo bárbaro e feroz de Lopez no Paraguai. A guerra civilizatória jamais perseguiu, segundo este discurso, o prejuízo do povo paraguaio; ao contrário, visava sua libertação da tirania.

Passado um século e meio, o sentimento nacional no Brasil e nos países aliados Uruguai e Argentina parecem ser de culpa pelo massacre e pela destruição do Paraguai. A guerra teria sido um erro: foi uma Guerra Maldita, juízo estabelecido pela historiografia e pela opinião pública. Em questão a posse do canhão *El Cristiano* que se encontra no Museu Histórico Nacional, cuja devolução o Paraguai reivindica<sup>2</sup> em uma clara sinalização de que a memória da guerra provavelmente nunca será pacífica e muito menos pacificada.

Desta forma a questão permanece: deve-se comemorar ou não a Batalha Naval do Riachuelo? Se a resposta for positiva, outra se impõe: o que há para comemorar? Qual é o sentido desta comemoração, numa sociedade dividida quanto à avaliação da participação dos militares na política recente? Não seria o caso de lembrar Riachuelo? E, neste caso, não se trataria de comemorar, no sentido mais comum de celebrar, mas sim de memorar em conjunto refletindo sobre a questão?

Não se estaria, contudo, adentrando ao caminho do revisionismo, reprovado como crime de lesa-pátria por alguns grupos sociais? Ora esta é a postura daqueles que veem na história a figura de uma pretensa justiça que deveria tudo analisar de modo

imparcial. Tudo se passaria como se, na formulação de Leopold von Ranke, o historiador olhasse o mundo e a história da perspectiva de Deus<sup>3</sup>. O problema, da perspectiva filosófica, é que o historiador é bem mais complexo que Deus: ele é humano. Em outras palavras, este tipo de observação isenta é um falso problema, pois os historiadores sempre vão olhar para uma determinada questão a partir de delineamentos socio-culturais e políticos, ou seja, eles olham o mundo de lugares e tempos distintos. Neste sentido, a Justiça também se inclina diante de Clio: ela se transforma nos tempos e nas sociedades.

Já dizia Marc Bloch: a história é a ciência dos homens no tempo em fórmula que se tornou célebre<sup>4</sup>. Mas mesmo Bloch não abriu mão dos conselhos dos alemães dos Oitocentos tão bem expressos pelo mestre de Wiehe: a história, dizia ele, é Ciência e Arte, Ciência pelo lado da pesquisa metódica e honesta, Arte pelo lado a recriação do conhecimento através da atividade do pensamento e da escrita<sup>5</sup>.

Por outro lado, não se fará uma narrativa da perspectiva paraguaia já que sempre se narrou a história da perspectiva dos aliados. Uma inversão desta natureza ainda implica em uma afirmação infundada: que a história contada do ponto de vista do Paraguai é *melhor e mais verdadeira* do que a nossa. É claro que esta é uma opção ética e política possível, mas também é historicamente equivocada<sup>6</sup>.

Tratar-se-á aqui, portanto, de investigar algumas das representações e ressignificações da Batalha Naval do Riachuelo em alguns momentos dos Oitocentos e dos Novecentos, sem a menor pretensão de esgotar a temática, mas tão somente com o objetivo de contribuir para a compreensão deste nosso momento, de nós mesmos, de nossa sociedade dividida e em busca de si e que vai encontrar-se apenas na multiplicidade sociopolítica e cultural tentando responder ao desafio da formação democrática: consolidar e resguardar firmemente o fato de somos todos iguais e ao mesmo tempo diferentes, e que a atualização de apenas um destes polos nos conduzirá ao fascismo<sup>7</sup>.

Trata-se, portanto, de uma ontologia do presente<sup>8</sup>, pois, conforme Walter Benjamin:

A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido (...). Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, se que esse presente se sinta visado por ela<sup>9</sup>.

Para atender a esta tentativa de analisar alguns momentos, recorrer-se-á a fontes múltiplas e variadas: diários de oficiais da Marinha, imprensa em geral, a imprensa militar em específico<sup>10</sup>, palestras, folhetos, correspondência oficial, dentre outros. Além desta introdução, o artigo se divide em duas outras partes: em um primeiro momento analisar-se-ão as narrativas e celebrações da Batalha Naval do Riachuelo durante o Segundo Reinado e, em segundo, apropriações e desdobramentos destas apropriações nas duas primeiras décadas da República para, finalmente, tecerem algumas reflexões mais gerais à guisa de considerações finais.

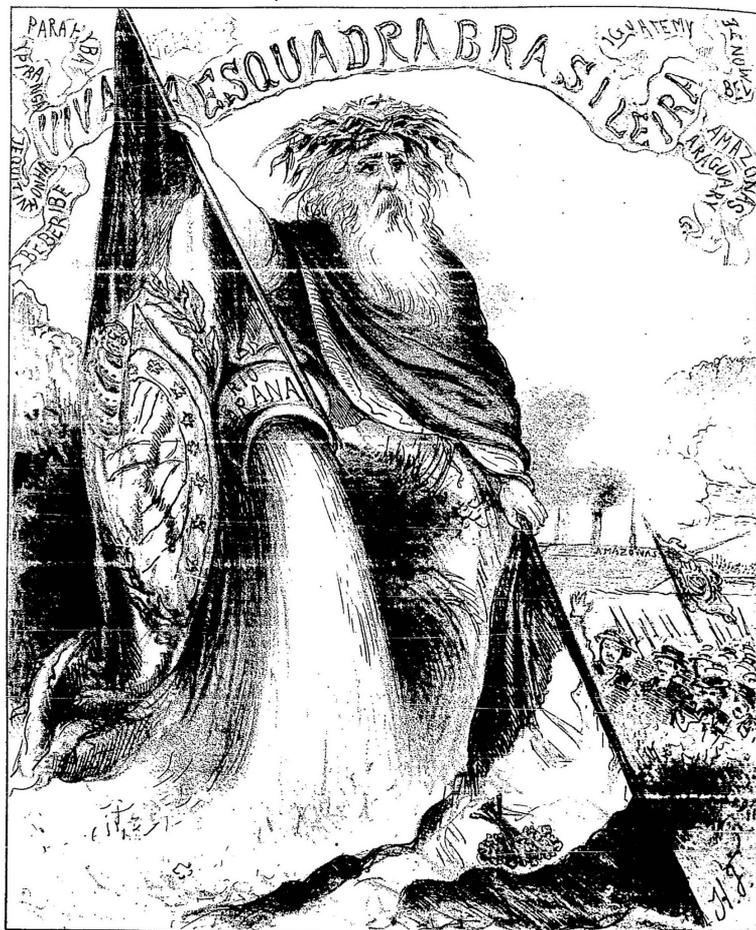
## RIACHUELO: AS NARRATIVAS E CELEBRAÇÕES NO SEGUNDO REINADO

A batalha naval do Riachuelo<sup>11</sup> é um acontecimento que desafia a imaginação historiográfica entre outras razões pelo

fato de que ela se tornou célebre no momento em que aconteceu e não posteriormente. Assim sua fama, por assim dizer, produziu-se instantaneamente, transformando-se de imediato em lugar de memória e monumento histórico.

O impacto da vitória em Riachuelo foi imediato na Corte. A *Semana Ilustrada*, em 02 de julho de 1865, assim noticiava o fato:

Vitória! O dia 11 de junho será contado entre os mais gloriosos da História Brasileira. Às 9 horas da manhã 8 vapores e 8 baterias



### A pátria agradecida.

Aos bravos de Riachuelo  
Honra, gloria immarcescível!  
Benções da pátria que applaude  
Seu valor inextinguível!

Legando os nomes á historia,  
Que enthusiasmo os vindouros,  
Nem da inveja letal bafo  
Póde murchar-lhes os louros.

Salve, bravos marinheiros,  
Filhos do Imperio da Cruz,  
Cujas frentes das victorias  
Cerca o diadema de luz!

Um brado, que em si resumem  
Assonancia de outros mil!  
Vos proclama flor dos bravos  
Dentro e fóra do Brasil.

FIGURA 1

Fonte: *Semana Ilustrada*, 09 de julho de 1865. Hemeroteca Digital Brasileira. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>

flutuantes paraguaios, montando peças de 80, quiseram medir-se com a nossa briosa esquadra ao mando do valente chefe Barroso. Os nossos iam sentar-se à mesa do almoço. Proporcionou-se lhes um banquete. Quatro vapores e 6 chatas do inimigo foram a pique, e os demais buscaram na fuga a salvação; mas por tal forma danificados que apenas serviram para levar ao cacique um triste desgano. Perdemos o *Jequitinhonha* porque encalhou, e lamentamos a morte de alguns bravos que sustentaram valorosamente a honra do pavilhão brasileiro. Glória aos vencedores. Glória ao Brasil!

A notícia já estabelece o dia 11 de junho como sendo dos mais gloriosos da história do Brasil. De fato o jornal faz coro com o que, de certa forma, o Chefe Barroso afirmara em sua parte da Batalha: *Tratei (...) de dar um dia de glória à nação, fazendo respeitar nosso pavilhão*<sup>12</sup>. No dia 09 do mesmo mês, a *Semana Ilustrada* publicou várias imagens, que asseguravam ser Riachuelo parte já da história do Brasil. Eis uma delas:

Imagem e texto se complementam numa trama discursiva de modo a eternizar a Batalha. Ao centro uma representação da Pátria segurando com uma mão a bandeira do Império tendo ao seu lado, sob seu braço, o vaso de onde flui o Rio Paraná, que se dilui em toda parte inferior, onde também se encontra outra bandeira, possivelmente do Paraguai, derrubada pela Pátria. O mastro desta segunda bandeira forma um enquadramento no qual aparecem as tropas imperiais identificadas pela bandeira do Brasil, tendo a *Fragata Amazonas* ao fundo. Encimando a imagem o dístico: *Viva a Esquadra Brasileira* e o nome dos navios à direita e à esquerda: *Beberibe, Jequitinhonha, Parnayba, Ypiranga, Iguatemy, Belmonte, Amazonas, Araguay*. O poema honra os bravos de Riachuelo, assegurando seu lugar na história, *filhos do Império da Cruz*, cujas fronte estão cercadas pelo *diadema de luz*.

A Batalha Naval do Riachuelo, já em sua designação, emerge como lugar de memória. Trata-se de promover uma concentração

do tempo e congelá-lo. Criar lugares de memória, que nas palavras de Pierre Nora assim se definem:

O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória. (...) Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história. (...) Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.<sup>13</sup>

Lugar de memória, monumento, Riachuelo deveria ecoar através do tempo como narrativa histórica da guerra com o Paraguai, como memória e símbolo do Brasil no conflito, como exemplo ético do triunfo da civilização sobre a barbárie. Anos mais tarde, Arthur Silveira da Mota contribui, sem o desejar, para erodir esta imagem. Escreveu que as observações do Almirante inglês Colomb, acerca da guerra hispano-americana, poderiam bem se aplicar à Riachuelo, caso o militar conhecesse a história “da nossa grande campanha do Paraguai”:

Receio que sejamos forçados a reconhecer que se tem descido da guerra civilizada para a guerra bárbara. A antiga regra era de, no extremo de se tornar inútil a perda de vidas, o comandante curvar-se ao destino, e entregar o fruto da vitória ao vencedor. Parece, porém, que agora este fruto deve ser negado a todo o transe ao vencedor e que o espírito de selvageria, debaixo do disfarce de indômita coragem, deve dominar. Se esta

é uma lição das modernas guerras cumpre confessar que é uma lição muito triste.<sup>14</sup>

Há que destacar que Jaceguay subscreve esta avaliação de Colomb para falar dos paraguaios que se bateram

com a raiva e a tenacidade de fanáticos, como feras (...)a própria inconsciência da inferioridade de seus navios deu-lhes alento para prolongarem a resistência muito além do limite em que marinheiros de uma marinha civilizada teriam procurado na retirada diminuir os efeitos de uma derrota inevitável, ou teriam arriado bandeira.<sup>15</sup>

O barão estava tão imbuído do ideal civilizatório e tão preocupado em preservar a imagem de Riachuelo que parece não lhe ter ocorrido que a guerra é um tipo de relação e, neste caso, são os brasileiros que precisaram se barbarizar para consolidar a sua vitória, lutando sem cessar para deter o inimigo. Assim, o ideal civilizatório é um fracasso, e o inimigo visto como uma fera a ser exterminada. Trata-se, para além destas apreciações de cunho romântico e iluminista, de verificar que há uma mutação na *natureza da guerra* que já se revela em Riachuelo: a emergência da guerra total. O chefe Barroso afirma que a sua intenção era aniquilar a esquadra paraguaia e que não o fez porque depois de abalroar os primeiros navios os quatro restantes fugiram e ele, chefe da divisão, permaneceu no lugar cuidando de socorrer o restante da armada seriamente danificada e com muitos feridos. Este quadro dramático durou vários dias, pois não havia base de operações próxima uma vez que Corrientes permanecia sob domínio Paraguaio<sup>16</sup>.

Riachuelo, a despeito disto, torna-se lugar de memória e monumento da História, por que foi uma batalha decisiva. Mas por que decisiva se não foi estabelecido o domínio das margens do Rio Paraná, como bem observou Afonso Celso de Assis Figueiredo? Em outras palavras, não foi acompanhada da ocupação por terra<sup>17</sup>. Senna Bittencourt<sup>18</sup> também observou que Riachuelo não foi a

maior operação naval da guerra, nem a mais elaborada – o desembarque do Passo da Pátria, o forçamento de Curupaity e de Humaitá foram operações de grande envergadura e sofisticação<sup>19</sup>. Mas Riachuelo, na visão de Bittencourt, foi uma *primeira grande vitória que marcou uma inversão de expectativas, naqueles tempos difíceis*<sup>20</sup> e, além disto, foi decisiva, pois estabeleceu o *bloqueio* do rio, que era a estratégia da guerra, não apenas impedindo a ação do restante da marinha paraguaia como também sufocando o comércio e o abastecimento logístico do Paraguai.

Do outro lado do Rio da Prata, o historiador argentino José Maria Rosa observa que Riachuelo deteve a ofensiva paraguaia e pouco depois a guerra se deslocava para aquele país:

La guerra ofensiva se perdió em la batalla naval de Riachuelo, frente a Corrientes. Todo lo que vino después (intrigas de Urquiza com Robles, aniquilamento de la columna de Duarte em Yatay, capitulación de Estigarribia em Uruguayana) fue consecuencia de haber perdido los paraguayos el río<sup>21</sup>.

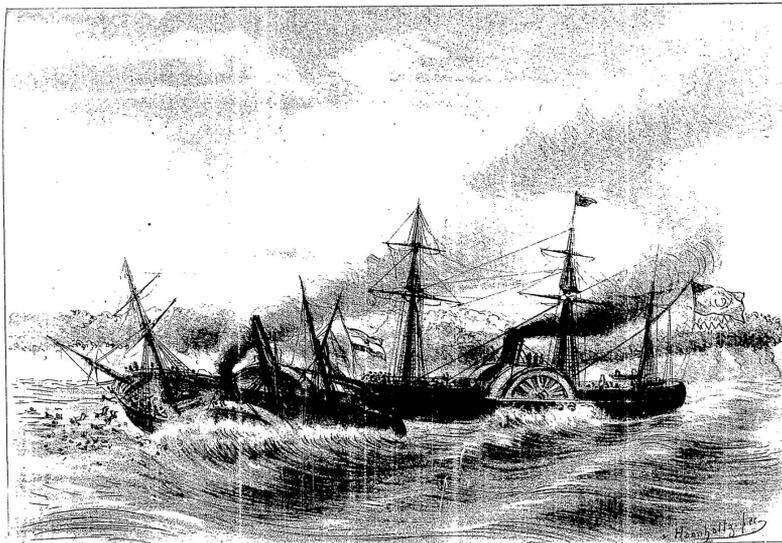
Riachuelo foi, portanto, um marco decisivo da guerra. Os vários grupos sociais e políticos dali em diante apropriaram-se deste fato segundo suas perspectiva e expectativa. Para os militares da Marinha do Brasil ela tornou-se marco da identidade da "classe militar", construção em curso desde pelo menos os anos de 1850: é o panteão dos heróis navais da Pátria, vivos e mortos: Barroso com sua tática de abalroamento, os guardas-marinha João Guilherme Greenhalgh, Francisco José de Lima Barros que morreram defendendo a bandeira imperial, o primeiro a bordo da *Parnayba* e o segundo do *Jequitinhonha*, o imperial marinheiro Marcílio Dias, também morto a bordo da *Parnayba* e muitos outros homens da Marinha e do Exército que participaram da batalha foram todos contemplados em novembro daquele ano com a recém criada Medalha da Batalha Naval do Riachuelo pelo decreto 3.529<sup>22</sup>. A obra *Relíquias Navais do Brasil* reproduz a imagem da medalha que pertenceu a Barroso:



A imprensa ilustrada foi fundamental para a difusão das representações visuais de Riachuelo que tão importantes eram em uma sociedade majoritariamente iletrada.



FIGURA 2  
Relíquias Navais do Brasil, 1997, p.18



Episodios do dia 11 de Junho de 1865.  
COMBATE NAVAL DE RIACHUELO.  
A Fragata Amazonas com o pavilhão do Chefe Barroso e commandado pelo Capitão de Fragata, Brito, mettendo a pique um vapor

FIGURA 3  
Fonte: Semana Ilustrada, 17 de setembro de 1865. Hemeroteca Digital Brasileira.  
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702951&PagFis=1932&Pesq=>

No mesmo ano de 1865, a *Semana Ilustrada* publicou várias representações da batalha, muitas delas produzidas por Antonio Luiz Von Hoonholtz, futuro Barão de Tefé, comandante da *Araguary*, sob o título "Episódios da Guerra do Paraguai":

Os desenhos de Hoonholtz merecem uma análise à parte, devido à produção em largas quantidades e pela aprimorada qualidade iconográfica. O que se destaca no caso é que, para além do simbolismo, as obras parecem ter uma dimensão pedagógica, isto é, reproduzem visualmente as narrativas sobre Riachuelo estabelecidas pelas partes dos oficiais combatentes, ele próprio, dentre eles. Neste sentido, seriam como "vitrais" de Riachuelo para serem vistos e compreendidos pelo público leitor letrado e não letrado do Rio de Janeiro, tendo em vista as práticas de leitura coletiva e a circulação dos periódicos pela cidade. De fato, são figuras que representam momentos específicos do combate. Na tela apresentada, é possível visualizar a representação da fragata *Amazonas* realizando a manobra do aríete, com a qual Barroso abalroou os vapores inimigos, com o detalhe dos marinheiros paraguaios saltando e/ou caindo no rio pela proa da embarcação. Uma

história narrada de uma perspectiva militar, que se pretende unívoca e objetiva, tal qual o relato escrito.

Uma advertência é necessária: ainda que celebrada, não havia um rito ou um cerimonial para as comemorações de Riachuelo. Tratava-se de manifestações não sistemáticas, por assim dizer. Exemplo disto são os diários de Manuel Carneiro da Rocha e de Joaquim José Ignacio, o Visconde de

Inhaúma<sup>23</sup>. O primeiro registra, em 1866, a passagem de um ano da batalha e como o mesmo foi rememorado:

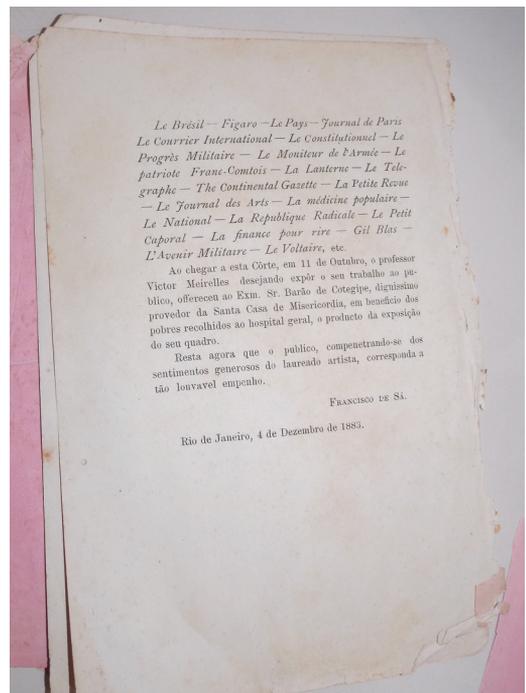
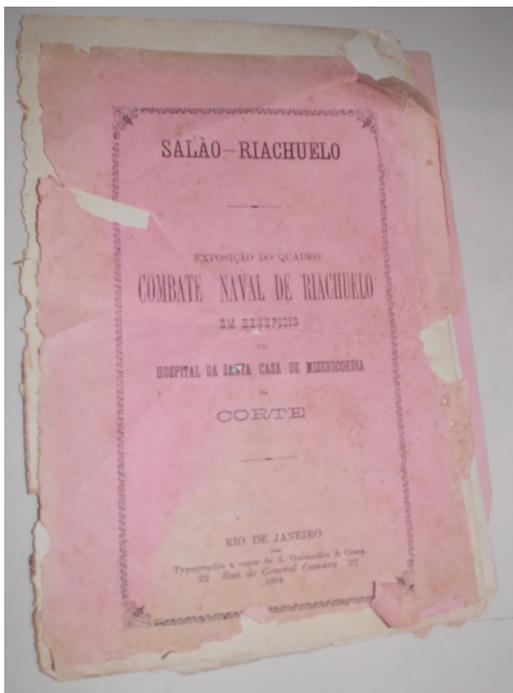
Completa-se um ano que a Esquadra Imperial, em Riachuelo, lançou a pique quatro vapores paraguaios e tomou seis chatas, correndo com o resto dos navios, ainda debaixo do fogo da bateria de terra. Às 8h houve missa no *APA*, em ação de graças, por tão assinalada vitória<sup>24</sup>.

Percebe-se que não era uma celebração *stricto sensu*, mas sim uma ação de graças pela vitória. Tão metuculoso em suas anotações, Inhaúma nada registra no dia 11 de junho de 1867<sup>25</sup>. Um ano mais tarde, ainda registraria laconicamente:

O General Argolo mandou-me cumprimentar por ser este dia o aniversário do memorável combate do Riachuelo. As músicas do 2º Corpo tocaram na barranca a alvorada e o recolher. Comemorei este dia em ordem especial<sup>26</sup>.

Um ano mais tarde, em 1868, a crise do gabinete Zacarias provocou o deslocamento das representações de Riachuelo. Os liberais tentaram apropriar-se da narrativa da batalha para defender a atuação política do governo. Foi o Ministro Afonso Celso de Assis Figueiredo que encomendou, em 1868, à Academia Imperial de Belas-Artes dois quadros: um sobre Riachuelo e outro sobre a Passagem de Humaitá. Embora a encomenda tenha sido registrada por Manuel Araújo de Porto Alegre, então diretor da Academia, somente em agosto, após a queda do gabinete, ele já havia designado o professor de pintura histórica Victor Meirelles para a tarefa. Meirelles partiu para o Paraguai em junho daquele ano onde, com a permissão do Visconde de Inhaúma que o recebeu na esquadra estacionada em Porto Elisário, pode trabalhar durante dois meses sentindo o ambiente das batalhas e elaborando croquis e modelos para seus quadros<sup>27</sup>.

As telas foram concluídas em 1872. O *Combate Naval do Riachuelo* mede 4,60 por 8,20 metros e a *Passagem de Humaitá* 2,68 por 4,35 metros<sup>28</sup>. Elas foram exibidas jun-



FIGURAS 4 e 5  
Fonte: Arquivo da Marinha. DPHDM. Rio de Janeiro.

tamente com a *Batalha de Campo Grande*, de Pedro Américo, na 22ª Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes. O imperador estava presente e a fama dos quadros atraiu 63.949 visitantes, o que representou um grande sucesso de público. Como ocorre com toda obra, o quadro de Meirelles foi alvo de controvérsias e debates. Levado para a exposição da Filadélfia em 1876 e no retorno foi perdido por ter sido mal-acondicionado. Tal situação levou Vitor Meirelles a fazer uma “réplica do quadro” exposta no Salon de Paris em março de 1883. Em outubro deste mesmo ano Meirelles retornou ao Brasil e, desejando exibir o quadro, oferta ao Barão de Cotegipe, na ocasião provedor da Santa Casa de Misericórdia, os lucros advindos da exposição do mesmo em benefício dos pobres do hospital. Eis o prospecto da exposição:

Depois de muitas vicissitudes, o quadro foi adquirido pela Academia Nacional de Belas Artes em 1924 e posteriormente transferido ao Museu Histórico Nacional onde permanece até nossos dias. É necessário destacar que o objetivo didático de transmissão dos valores do nacionalismo romântico e do patriotismo dos Oitocentos parece ter sido em parte atingido. Contemporâneo do surgimento da indústria cultural e da cultura de massas, o quadro passou a ser re-

produzido pelos manuais didáticos de história do Brasil, quase sempre como elemento de caráter ilustrativo ou de complemento do texto escrito no qual se ressalta os valores civilizacionais do Império do Brasil.

No momento em que foi encomendado, no entanto, fazia parte da estratégia de defesa da política do gabinete liberal de Zacarias, acossado pelas críticas de morosidade e inação da esquadra, feitas pelo General Mitre, pelos jornais da Corte, pelo Parlamento e pela imprensa portenha. Estas críticas produziram a crise entre o gabinete liberal e o comando da guerra, centralizado no Marquês de Caxias, general conservador, o que resultou na queda do governo em julho de 1868, e na ascensão do grupo conservador capitaneado pelo Visconde de Itaboraí<sup>29</sup>. Ainda, como parte desta estratégia de defesa de suas ações, Afonso Celso ordenou ao Tenente Euzébio Antunes, ajudante de ordens de Tamandaré, a redigir suas memórias<sup>30</sup> e editou, já após a demissão do gabinete, o livreto *A Esquadra e a Oposição Parlamentar*. Neste livreto, para poder defender sua atuação enquanto ministro, Afonso Celso justifica as ações do Almirante Tamandaré e do Visconde de Inhaúma no comando da Marinha durante a guerra. É o futuro visconde de Ouro Preto que, neste processo, aponta os limites estratégicos da batalha:



*O combate naval do Riachuelo, 1882-83*  
Museu Histórico Nacional

FIGURA 6  
Combate Naval do Riachuelo, Paris, 1882/1883. Óleo sobre tela, 4,60 x 8,20m.  
Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

(...) o bloqueio que a esquadra tinha ido efetuar era puramente nominal. De fato era ela bloqueada porque ao passo que os paraguaios conservavam suas comunicações francas por terra interceptavam as nossas, por meio de artilharia assentada nas margens do rio. Demais o rio baixava de um modo extraordinário. Já o vapor Amazonas passara com dificuldade em Bela Vista. Era, pois, preciso descer, sob pena de ficarem inteiramente cortadas

as comunicações com a base de fornecimento e de operações<sup>31</sup>.

Chama atenção a distinção que o autor faz entre bloqueio e domínio. Como a esquadra não estabeleceu o domínio do rio foi necessário que recuasse para não ficar bloqueada pelas forças paraguaias assestadas às margens. Estas formulações permitem questionar o caráter de *batalha decisiva* atribuída a Riachuelo por cronistas e historiadores militares. O Vice-Almirante Armando Vidigal em conferência ministrada no Instituto Histórico e Geográfico e publicada na *Revista Marítima Brasileira* quem observou:

(...) ela não foi estrategicamente decisiva, pois as fortalezas e chatas paraguaias (...) eram um obstáculo formidável, impedindo que a esquadra brasileira se deslocasse livremente pelo rio para dar o indispensável apoio às tropas de terra<sup>32</sup>.

É importante destacar esta formulação, para que se verifique a diversidade de interpretações e representações de Riachuelo nas múltiplas temporalidades. Nem mesmo o fator que seria o coração da batalha – a sua característica de batalha decisiva – passou incólume pela crítica historiográfica.

Concluída a guerra, o forte movimento reformista que agitou a sociedade brasileira envolveu também o oficialato da Armada Nacional. Oficiais de Marinha se engajaram em projetos e ações que visavam o aprimoramento da força e a sua recomposição frente ao sucateamento que se processa ao final do século. Este era provocado pelos cortes, promovidos pelo Parlamento, nos orçamentos militares em resposta ao endividamento provocado pela guerra e também à crise econômica dos anos de 1870 e 1880. A situação na Marinha nos inícios dos anos de 1880 não era alvissareira. Em 13 de agosto de 1879 Joaquim Nabuco pronunciava no Parlamento um discurso irônico sobre o afundamento do transporte Leopoldina *que ontem foi espontaneamente ao fundo*. E acrescenta: *Conhecíamos as combustões espontâneas, mas esses afundamentos espontâneos estavam reservados ao nosso*

*arsena*<sup>33</sup>. No ano seguinte, o Deputado Fernando Osório afirmava na Câmara que o país estava indefeso e a esquadra nada mais era que *“um rebanho de fósseis (...), um aglomerado de nomes ilustres que enfeitam a popa desses navios (...) esquifes ambulantes que andam sobre as ondas livrando, com custo, nossos militares de uma submersão”*<sup>34</sup>.

Ao final da Monarquia a situação torna-se dramática. Em 1888 o ajudante general referiu-se à esquadra nos seguintes termos:

É força confessar que o número, aparentemente importante de 44 navios, representa apenas uma ficção de força naval, porque na maior parte esses navios são medíocres espécimes de época demasiado afastada na arte naval, e pode se dizer sem receio de errar, que como Marinha moderna só se pode mencionar os dois monitores encouraçados (...) o Riachuelo e o Aquidabã<sup>35</sup>.

De estável ao fim do regime, somente a deterioração da infraestrutura e a estagnação das promoções<sup>36</sup>. É neste contexto que a Batalha Naval do Riachuelo ganhou outro sentido. Muito contribuirá para esta mudança a criação da *Revista Marítima Brasileira* em 1881, que passou a catalisar as discussões que os militares da Armada faziam na *imprensa militar* e na imprensa em geral.

Desde o início do século XIX, os militares tiveram uma ativa participação na imprensa e, portanto, no estabelecimento de um espaço público no Brasil<sup>37</sup>. É contudo, a partir dos anos de 1850, que há uma profusão de periódicos produzidos por militares, que discutiam temáticas militares, voltados para um público amplo, militar e civil. Estes periódicos eram independentes da estrutura das Forças Armadas e apresentavam à sociedade temas como a defesa nacional, as demandas militares por reformas organizacionais, a busca por melhorias tecnológicas, contribuindo assim para formação e consolidação de uma identidade da classe militar nos anos cinquenta<sup>38</sup>.

Os principais periódicos produzidos por oficiais da Armada nos Oitocentos, e que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio

de Janeiro, são: a *Revista Marítima Brasileira* que circulou entre os anos de 1851 a 1855, o *Brasil Marítimo* de 1854 a 1859, os *Annaes Marítimos* em 1861, *O Soldado e o Marinheiro* em 1869, a *Gazeta Naval* em 1877, *O Marinheiro* em 1881, e o *Echo da Marinha* em 1888. Não se pode assegurar que esta seja uma lista completa, podendo novos periódicos ser encontrados em arquivos e bibliotecas espalhados pelo país. É interessante notar, porém, que, a despeito das propostas reformistas e de seu caráter mobilizador, os periódicos navais pouca ou nenhuma referência fazem à Batalha Naval do Riachuelo. Pode-se supor que isto ocorra em virtude do fato de que a imprensa em geral e as instituições imperiais tenham tentado monopolizar o discurso sobre a Guerra com o Paraguai de modo geral e sobre Riachuelo em particular.

Em 1881, o Ministério da Marinha criou uma *Revista Marítima Brasileira* diferente daquela dos anos cinquenta. Isto porque em primeiro lugar ela fazia parte da estrutura da Marinha, seu corpo técnico era indicado pelo ministro e era financiada pelo Estado. Em outras palavras tratava-se de uma publicação controlada pelo governo, mas que ao mesmo tempo garantia certa margem de liberdade de expressão e de manifestação de opiniões, principalmente no que diz respeito aos aspectos organizacionais e técnicos da Marinha. Ainda assim, pode-se perceber também que havia certa margem para a mobilização política da classe no que tange à apresentação de determinadas reivindicações.

Assim, a partir de 1881, a *Revista Marítima Brasileira (RMB)*<sup>39</sup> centralizou as discussões, a produção escrita e o noticiário sobre a Batalha do Riachuelo e sobre suas comemorações. O Clube Naval, fundado em 1884, passou a coordenar o cerimonial comemorativo da Batalha. Em outras palavras, a oficialidade naval procurou garantir o monopólio sobre as narrativas e representações produzidas acerca de Riachuelo.

A *RMB* tem, até hoje, características assemelhadas à imprensa militar dos anos cinquenta. Em primeiro lugar, a sua diagramação em duas colunas, uma característica da imprensa dos anos cinquenta, é a mesma. Também a estruturação é igual à

daquela, isto é, trata-se de uma revista que mantém três propostas editoriais: a história da instituição, a organização da força e desenvolvimento tecnológico voltado para os armamentos e para a guerra. Estas propostas estão intrinsecamente articuladas: a história na *RMB* é de formulação ciceroniana, em outras palavras é a *Mestra da Vida* que orienta o presente e o futuro da organização da força e de sua preparação para a guerra. Desta articulação advêm as formulações sobre a Defesa Nacional, por ela propagadas e defendidas.

Por outro lado, esta tentativa de controle narrativo fez com que, no noticiário da revista e mesmo nos atos oficiais, as comemorações da Batalha Naval do Riachuelo se tornassem um prelúdio para apresentar ao Ministério e às demais autoridades imperiais, as reivindicações da classe militar.

Em 1882, por exemplo, a *RMB* reproduziu a conferência de Ignacio Joaquim da Fonseca<sup>40</sup> sobre o combate de Cuevas, proferida na presença do Imperador no salão da Escola Pública da Glória. O conferencista fazia uma homenagem ao Barão do Amazonas, Francisco Manuel Barroso da Silva, falecido quatro dias antes, isto é, a 08 de agosto. Ignácio objetivava estabelecer uma relação de causa e consequência entre a Batalha do Riachuelo e as passagens de Mercedes e de Cuevas<sup>41</sup>. Construindo uma narrativa rica em detalhes buscava demonstrar a importância do Exército e da Armada para a manutenção da integridade do Império. O autor ainda relembra a tomada de Curupaity, o forçamento de Humaitá, para destacar as virtudes guerreiras e os méritos da classe:

Tudo quanto se possa dizer para patentear os serviços notáveis desta distinta corporação não estaria certamente acima do juízo fundado e honroso de que é ela digna. Ao romper da guerra (...) tínhamos uma oficialidade perfeitamente educada para a sua missão, ávida de glória e do desejo de bem servir a pátria (...). Uma classe que assim se distingue, nas crises mais difíceis, é digna dos favores do Estado e da simpatia que encontra por toda parte.<sup>42</sup>

No contexto dos anos de 1880 o uso do termo “crise” fica bastante ambíguo. Na verdade, a expressão “nas crises mais difíceis” pode se referir tanto ao contexto da guerra como parece o ser à primeira vista. Mas a expressão também pode ser lida como uma referência às agruras vividas naquele momento pela classe militar. Neste sentido a conferência e a *RMB* parecem ter enunciado, a partir de uma análise da guerra centrada na Batalha do Riachuelo, a crise militar do Império, e a fala de Ignacio pode muito bem ter soado como uma advertência ao poder civil já que se apresentava diante do monarca como “classe” e não apenas como um cidadão comum.

Nas comemorações do 20º aniversário da Batalha do Riachuelo em 1885, os discursos e ações críticas dos militares se tornaram mais contundentes. Sob o título “11 de junho, Batalha do Riachuelo”, a *RMB* noticiou as comemorações realizadas naquele ano. Em primeiro lugar, o articulista da revista destacava o caráter civilizatório da guerra do Paraguai: *comemorar Riachuelo não é comemorar a vitória de uma nação sobre a outra, mas sim comemorar o fato mais nobre da vida de um Estado, qual o de abrir um seu irmão americano as portas do futuro, iluminando-lhe o caminho com a vivificante luz da liberdade*<sup>43</sup>. Repisava assim o discurso tradicional de que a guerra libertaria o Paraguai da tirania de Lopez. Também reforçava a interpretação corrente da batalha como tendo sido decisiva, *considerando-a do ponto de vista da filosofia da história o seu epílogo*<sup>44</sup>.

Além disto, a *RMB* noticiava a realização de uma missa na Igreja da Cruz dos Militares, de uma sessão solene no Clube Naval, onde, estando presentes veteranos da batalha, foram lidas as partes oficiais seguidas de uma alocução feita pelo Chefe de Divisão Ignacio Joaquim da Fonseca. Além de pronunciamentos no Senado e na Imprensa, a *RMB* informa que foi realizado um baile festivo a bordo do encouraçado *Riachuelo*, incorporado à esquadra em 1883. Finalmente, noticia a realização de uma reunião na Biblioteca da Marinha, organizada pelo Barão da Passagem, na qual estiveram presentes

muitos oficiais da Armada afim de fundar-se uma associação que tome a seu cargo comemorar os aniversários da Batalha do Riachuelo por meio de atos de beneficência, especialmente destinados a aliviar a pobreza ou a miséria das viúvas e órfãos dos oficiais de marinha. Aceita a ideia, ficou estabelecido que o primeiro ato de caridade fosse praticado em benefício da viúva de um dos oficiais que tomara parte no combate de Riachuelo<sup>45</sup>.

Nesta ocasião o primeiro cirurgião da Armada, Dr. José Caetano da Costa, pronunciou um discurso comemorativo, em que destacava superioridade da Armada nas guerras:

A infantaria é a serpente das batalhas(...) as esquadras são os Titãs dos mares, velozes leviatãs de faces escancaradas, cavando abismos, vomitando fogos, para, ou se engolfarem nas profundezas do caos, ou surgirem galhardamente por sobre o dorso das ondas, desfraldando aos ventos dos temporais seu vitorioso pavilhão! (...) No exército o homem pisa a terra, no mar cavalga o abismo. A batalha naval é o maior esforço do valor humano. (...) Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias<sup>46</sup>.

A realidade do presente, contudo, não se afigurava alvissareira para os veteranos da guerra:

Vinte anos são passados (...) e seus heróis quase todos dormem o eterno sono do sepulcro, mortos como verdadeiros mártires da pátria; e os poucos que sobrevivem ainda, ai de mim, aí jazem esquecidos, perdidas todas as ilusões (...) quantos não perecido na miséria, atirados à vala comum, sem uma lembrança ao menos que (...) avisem aos caminhantes que aí repousam bravos?! Sob as velhas fardas e cicatrizes(...) escondem-se mágoas infindas, que envergonhariam dize-las.(...) queria invocar neste momento a sombra do venerando Almirante Barroso e de todos os seus companheiros de batalha para virem ante vós receber

as palmas (...) orvalhadas das lágrimas da saudade que nos ficou e das desgraças sofridas por aqueles que sacrificaram sua vida por amor da terra em que nasceram<sup>47</sup>.

Uma advertência ao governo e ao regime aparecia na fala do cirurgião. Invertendo a mensagem dos sinais de Barroso no 11 de junho – *o Brasil espera que todos cumpram o seu dever* –, Caetano da Costa concluía de modo quase ameaçador:

Nós, lutadores daquele grande feito, demos tudo quanto podíamos dar à nossa pátria; agora a ela compete cumprir o seu dever. É já tempo<sup>48</sup>.

Verifica-se que, na década de 1880, a questão militar passou a ser expressa também nos rituais comemorativos da Batalha Naval do Riachuelo, que serviam de toque de reunir da tropa para a mobilização em direção às reformas que a classe militar julgava necessárias ao país, incluindo-se aí interesses dos oficiais de Marinha.

Esta defesa de interesses específicos apareceu mais uma vez nas comemorações de 1889, quando a editoria da *RMB* publicou em sua edição de junho a matéria intitulada “Pátria e Dever: 11 de junho de 1865, Riachuelo”. Tratava-se apenas de dois parágrafos em que a redação da revista saudava aos Oficiais e Praças da Armada e do Exército presentes no Riachuelo e fazia

*votos para que possa em futuro próximo, em homenagem aos heróis da marinha em Riachuelo, inscrever em suas colunas, com esta data, a seguinte lei: fica extensiva aos Oficiais da Armada a Lei de Novembro de 1827, que institui pensão do meio soldo às viúvas, filhos e mães dos Oficiais do Exército*<sup>49</sup>.

## **RIACHUELO: CRISE DAS REPRESENTAÇÕES E A FORÇA DA TRADIÇÃO**

Pouco tempo depois a monarquia seria derrubada, não sem o concurso dos oficiais de Marinha, e a reivindicação apresentada

em 1889 foi atendida através do decreto de 11 de junho de 1890, na primeira celebração da Batalha do Riachuelo no novo regime.

Na primeira década republicana, contudo, as comemorações da Batalha Naval do Riachuelo ficaram ofuscadas pela instabilidade do regime e pela profunda cisão causada na Marinha pelas duas Revoltas da Armada e pela Revolução Federalista. Uma crise sem precedentes se instaurou nas Forças Armadas do país, cujas consequências se arrastaram por décadas.

Foi somente no governo de Prudente de Moraes e após o fim da Revolução Federalista que Riachuelo voltou às páginas da *RMB*. Em 1896 a revista prestou, na edição de junho, homenagem ao Almirante Joaquim Francisco de Abreu falecido no ano anterior e ao Barão da Passagem, que acabara de falecer. No conjunto da homenagem a editoria reproduziu a passagem do Combate Naval do Riachuelo da obra “Quadros da História da Guerra do Paraguai” seguida de uma tabela na qual estavam nominados os oficiais do Exército e da Armada participantes da Batalha, distribuídos por navios<sup>50</sup>.

Ainda que se fizessem tentativas de se “reviver” Riachuelo, por volta do final do século ela começou a ficar distante, em um tempo passado e cindido pela ruptura republicana, pelo desenvolvimento tecnológico e por novas formas de conceber as relações com os países do cone Sul. Estas transformações conduziram à possibilidade de questionamento de representações tão assentes e, aparentemente, tão consolidadas na consciência social.

A primeira grave crise foi causada pelo questionamento da dívida paraguaia em relação ao Brasil e da busca de perdão para a mesma bem como pela devolução dos troféus de guerra trazidos pelos militares.

De fato, em 01 de fevereiro de 1899 o General Egusquiza, que acabara de deixar a presidência do Paraguai, chegava ao Rio de Janeiro para tentar obter o perdão da dívida contraída por aquele país durante a guerra e estipulada pelo tratado de paz. Naquele mesmo dia, conforme informou *O Paiz*, um grupo de republicanos brasileiros iria se reunir,

(...) para tratar da recepção ao general (...) resolver sobre o modo de auxiliar o ilustre plenipotenciário paraguaio na sua missão especial de resgate da dívida de guerra, e agitar a ideia da restituição dos troféus e relíquias da campanha da tríplice aliança<sup>51</sup>.

A notícia provocou indignação em vários grupos sociais, e o articulista do *Cidade do Rio/Jornal da Tarde* questionou irado, não o perdão da dívida paraguaia, mas sim a entrega dos troféus e relíquias de guerra, com uma argumentação significativa. Indagava o jornalista:

Com que propósito se restituiria ao Paraguai as bandeiras que lhes foram tomadas em campanha? Naturalmente com o propósito de destruir a lembrança da luta que separou as duas nações. Mas em primeiro lugar, destruídos todos os vestígios materiais da luta, nem assim ela ficaria esquecida – porque a História para guardar a lembrança dos erros humanos não precisa de documentos materiais (...). As relíquias históricas de um povo são sagradas (...). Nós já cometemos a necessidade de mandar queimar na praça pública, solenemente, os arquivos da escravidão – talvez convencidos de que a posteridade não achando nos cartórios e nos armários do Tesouro as escrituras de compra e venda de pretos, declararia entusiasmada que nunca houve escravos no Brasil. Não é ridículo, isso? (...) Abracemos o Paraguai, perdoemos-lhe a dívida, mas fiquemos com as bandeiras que os nossos maiores ganharam com o seu sangue<sup>52</sup>.

O que de imediato chama a atenção neste artigo é a proposição da inutilidade da destruição dos vestígios materiais da História para apagar a memória de erros cometidos. A lógica argumentativa, a comparação com a escravidão, indica que, a despeito de defender a permanência das relíquias de guerra no Brasil, o articulista do jornal concordava com a ideia de que a Guerra do Pa-

raguai havia sido um erro. Assim, este tipo de questionamento e consideração começa a circular no país a partir deste período.

Tratava-se, ao cabo, de dois grupos que lutavam pelo perdão da dívida paraguaia e pela devolução dos troféus: o Centro Paraguaio, criado a 29 de janeiro de 1899 e a Comissão Benjamin Constant, criada no dia 16 do mês seguinte, presidida por Raul do Nascimento Guedes. Ambos os grupos foram hostilizados na imprensa e respondiam aos ataques com artigos procurando esclarecer as posições que defendiam. Raul do Nascimento escrevia a vários jornais explicando a perspectiva da Igreja Positivista de construir uma relação mais fraterna entre as Repúblicas da América do Sul. Esta postura implicava em perdoar a dívida do Paraguai e devolver os troféus de uma guerra que, na avaliação do grupo, havia sido criminosa.

A reação foi imediata. Naquele mesmo ano a *RMB* publicou sob o título “Os veteranos da Guerra do Paraguai” a notícia da criação, no mês de abril, de uma Associação cuja finalidade era perpetuar o culto dos heróis da campanha do Paraguai e socorrer aos sobreviventes menos afortunados<sup>53</sup>. A editoria da revista fazia crítica a esta propaganda de eliminação da memória e de devolução dos troféus da guerra do Paraguai, e afirmava que noticiando por completo as atividades da Associação, buscava homenagear os *heroicos soldados e marinheiros que com Osório pisaram o Passo da Pátria, e com Barroso franquearam as águas do Rio Paraná a todos os veteranos da Guerra do Paraguai*<sup>54</sup>. Dando início aos trabalhos, Arthur Jaceguay fez a mais veemente defesa da memória da Guerra e de seus veteranos, bem como também criticava duramente este revisionismo:

Senhores – Pareceu-me oportuno esse momento para nos aproximarmos, para nos contarmos, para verificarmos se, com efeito, já somos tão poucos que nosso testemunho possa ser afrontado impunemente pela propaganda dessa seita que irrompe em meio do egoísmo da nova geração, com o intuito de humilhar os vencedores da guerra do Paraguai, para glorificação dos vencidos. (...) Eu

não conheço exemplo de uma perversão da inteligência e do senso moral comparável a essa extravagância, apregoada entre nós (...) de que, em nome de uma sonhada confraternização americana devemos restituir à República do Paraguai os troféus da guerra em que com ela nos digladiamos (...) e a perdoar-lhe a dívida estipulada no tratado definitivo de paz. (...)<sup>55</sup>

Em seguida foi lida uma carta de Joaquim Nabuco, não apenas congratulando-se com Jaceguay pela iniciativa como também empenhando seu apoio ao que chamou de “ressurgimento da religião da pátria”.

Finalmente foram estabelecidas as bases da Associação e seu regimento. Tratava-se de uma associação na qual poderiam participar os oficiais de Marinha e do Exército, veteranos da guerra do Paraguai. Os praças de pré de ambas as forças, assim como os inválidos da pátria, seriam sócios honorários. Os praças seriam também legionários da Associação<sup>56</sup>. As finalidades da sociedade seriam: a) A união e confraternização dos sócios no terreno da honra e do patriotismo com *objetivo de manterem vividas na alma nacional as tradições gloriosas das armas brasileiras na gigantesca e porfiada guerra do Paraguai*<sup>57</sup> comemorando as datas dos feitos mais notáveis, promovendo o culto da memória dos heróis, vulgarizando as narrativas dos episódios que demonstravam as virtudes guerreiras dos soldados e marinheiros; recolhendo relíquias e documentos históricos relativos à guerra que estivessem esparsos ou correndo o risco de se perderem e publicando um boletim; b) Cooperação mútua dos sócios por meio de contribuição mensal; c) Proteção aos inválidos da pátria; d) Socorro aos legionários que se acharem na indigência. A associação seria instalada a 24 de maio, 33º aniversário da batalha de Tuiuti e no dia 11 de junho seria comemorado o 34º ano da batalha naval do Riachuelo.

É importante observar que a Associação dos Veteranos se propõe a tarefa do guardião da memória. Buscava unir os militares que partilhavam do mesmo universo cultural romântico dos Oitocentos, que fundamentava o culto da pátria – o lugar do pertencimento

espiritual, bem como realizar a defesa das virtudes guerreiras e a guerra em si, como elemento fundamental à vida.

Este conflito de perspectivas demonstra que a Guerra do Paraguai estava lentamente deixando de ser vivenciada e revivida para se perder nas brumas dos arquivos e dos museus. Estes últimos ainda estariam, a depender dos positivistas, despojados das relíquias e dos troféus tão custosamente conquistados. Em outras palavras a Guerra do Paraguai saía da vida para entrar na história. Os combatentes deixavam os campos de batalha no Paraguai para estabelecer suas trincheiras nas instituições históricas.

Em agosto, o deputado Barbosa Lima apresentou o projeto de perdão da dívida e de devolução dos troféus ao Congresso, não tendo sido o mesmo aprovado. O perdão da dívida ocorreu somente em 1943 no governo de Vargas, e a devolução dos troféus é um processo ainda em curso no Brasil contemporâneo.

Assim, todo aquele velho mundo, o antigo regime, começava a ruir, não apenas devido à proclamação da República, mas devido à sucessão de gerações e da rápida modernização dos processos tecnológicos e das relações sociais. Ao comemorar o 11 de junho em 1905, a *RMB* publicou um artigo intitulado, “Onze de junho, Riachuelo, Suas lições”<sup>58</sup> de autoria de Armando Burlamaqui. Neste texto o autor observava:

Nos tempos de Riachuelo as qualidades do pessoal podiam em ação conjunta com as suas virtudes guerreiras obrar prodígios que compensassem a deficiência de recursos, mas nos tempos presentes nenhum povo, quaisquer que sejam as suas celebradas virtudes guerreiras, pode competir, principalmente no mar, com outro que possua os adiantados produtos da indústria científica em serviço da guerra<sup>59</sup>.

Dito de forma crua, os heróis da guerra do Paraguai, assim como ela própria, pertenciam a um passado que, cada vez mais rapidamente, se tornava distante e longínquo, devido à velocidade das transforma-

ções da sociedade industrial, das culturas democratizantes, das novas formas urbanas. Era todo um novo mundo que começava a emergir dos escombros do antigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cento e cinquenta anos depois, o revisionismo tornou a guerra do Paraguai uma guerra maldita. Uma consciência nacional da culpa pela destruição do país vizinho.

Mas a guerra do Paraguai não foi maldita. Esta afirmação representa, no plano do pensamento, apenas a inversão da crença oitocentista de que a guerra era civilizatória, que era libertadora. O resultado, do ponto de vista humano, foi tão desalentador que trocamos os sinais e a chamamos de maldita. Esta avaliação é, contudo, evitada de anacronismo, pois ao cabo elide o fato de que a guerra do Paraguai foi resultante de um conflito em que interesses opostos de Estados vizinhos não puderam ser resolvidos através da política.

E mais, representou o alvorecer da guerra da sociedade de massas: a guerra total. Neste sentido, somente neste período é que se iniciou a formulação do direito humanitário

de guerra e a elaboração de convenções que buscavam evitar o uso de armas cruéis.

Além disto, se a crítica, do ponto de vista militar, político e histórico tem, por um lado, erodido as representações tão bem assentadas no imaginário oitocentista, tem por outro promovido um conhecimento maior de nós mesmos. Este processo pode possibilitar o abandono de versões glorificadoras e vitimizantes na medida em que passemos a compreender a guerra de uma perspectiva histórica e a pensar em termos de responsabilidade política e de direito. Em outras palavras, não se trata da fraternidade idealista dos positivistas, mas sim das bases para a construção de um sólido pacto político, social e cultural com nossos vizinhos.

Mas a Marinha e o Brasil devem comemorar a Batalha Naval do Riachuelo hoje e sempre. Não porque se deve celebrar a morte. Mas porque a manutenção desta rica tradição serve como advertência extremamente atual, acerca da necessidade de uma efetiva política de defesa nacional. Em outras palavras, o barulho dos canhões da manhã de 11 de junho de 1865 continua a reverberar em nossos ouvidos a famosa frase de Publius Flavius: *Si vis pacem, para bellum!*

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Jornais e Revistas

*Semana Ilustrada*, 1865.  
*Cidade do Rio/Jornal da Tarde*, 1899.  
*O paiz*, 1899.  
*Folha de São Paulo*, 2013.  
*Revista Marítima Brasileira*, 1881-1910.

### Documentos oficiais e memorialistas

BRASIL. *Coleção de Leis do Império do Brasil*, 1865.  
BRASIL. Relatório do Ministério da Marinha, 1888.  
BRASIL, Marinha. *Relíquias Navais do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1997.  
ANTUNES, Eusébio José. *Memórias das campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007.  
INHAÚMA, Visconde de. *Diário pessoal do Almirante Visconde de Inhaúma durante a Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro: Guilherme de Andrea Frota, 2008.  
OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de. *A esquadra e a oposição parlamentar*. Rio de Janeiro: Typographia e Lithografia Franceza, 1868. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1921.



ROCHA, Manuel Carneiro. *Diário da campanha naval do Paraguai – 1866*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1999.

### Livros e artigos

ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. *A batalha naval do Riachuelo: uma visão micro-histórica*. Rio de Janeiro: IGHMB, 2005.

ARIAS NETO J. M. Entre o nada e o anódino: Parâmetros, Diretrizes e a reforma da Educação Nacional. *História & Ensino (UEL)*, Londrina, v. 5, 1999, p. 103-126.

--- *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional, 1867-1910*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001

--- Imprensa Militar no século XIX: um balanço preliminar. *Navigator* (Rio de Janeiro), v. 9, 2013 p. 55-64.

--- Revista Marítima Brasileira – 1851-1855: Um projeto de Marinha para o Império do Brasil. In: Luiz Carlos Carneiro de Paula; Renato Jorge Paranhos Restier Junior; Marcello José Gomes Loureiro; Fabiola Maria da Silva Chagas. (Org.). *A guerra e a formação dos Estados Nacionais contemporâneos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013, v. 1, p. 116-139.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BITTENCOURT, Almirante Armando de Senna. A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In VIDIGAL, Armando & ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo (Orgs.). *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 253-300

BITTENCOURT, Luiz Edmundo Brígido. *A marinha imperial na guerra do Paraguai não foi só Riachuelo*. Rio de Janeiro: Antonio de Oliveira Pereira, 2011.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-América, 1997.

BOITEUX, Lucas A. *Ministros da Marinha: notas biográficas*. 3º Série (1865-1889). Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1959.

DONATO, Hernani. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

FOUCAULT, Michel. O qué é o iluminismo. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *Michel Foucault (1926- 1984) o Dossier – últimas entrevistas*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora. Curso inédito de Michel Foucault no Collège de France, 1983.

HOLANDA, S.B. O atual e o inatual em Leopold von Rank. In *Ranke: história*. São Paulo: Ática, 1979.

--- Do Império à República. In HOLANDA, Sérgio B. (Dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico*. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, t. 2, v 5.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta o que é o esclarecimento In KANT, Immanuel. *A paz perpetua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1992, p.11-19.

MAIA, João do Prado. *A marinha de guerra no Brasil na colônia e no Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

MARTINS, Hélio Leôncio. A estratégia naval brasileira da guerra do Paraguai. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 3º Trimestre, 1997, p. 59-86.

NABUCO, Joaquim. *Perfis parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

---. *Um estadista do Império*. 5 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização no exército brasileiro (1850-1881)*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC, 2015.

NORA, Pierre. Entre Mémoire et Histoire. *Les Lieux de Mémoire: La République*. Paris: Gallimard/ Centre National des Lettres, 1984 p. XXXV. Tradução: Yara Aun Hourhy. *Projeto História*. São Paulo, n 10, dezembro, 1993.

RANKE, Leopold von. Sobre o caráter da ciência histórica. In MALERBA, Jurandir ( Org.). *Lições de história*. Porto Alegre, FGV/PUCRS, 2010, p. 133-154.

ROSA, José María. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2008.

SILVA, Grazielle Rezende da. O Combate Naval do Riachuelo da História para Pintura. *Revista Virtu*. Juiz de Fora, UFJF n 7, primeiro semestre 2008.

SILVA, Luiz Carlos da. *Representações em tempos de guerra: Marinha, Civilização e o quadro Combate Naval do Riachuelo de Victor Meirelles (1868 – 1872)*. Curitiba: UFPR, Dissertação de Mestrado, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TORAL, André. *Imagens em desordem: a iconografia sobre a guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2001.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A campanha naval na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1º Trimestre 2009, p. 48-54.

---

<sup>1</sup> Texto vinculado ao Projeto *Ciência, tecnologia e política: o lugar da Revista Marítima Brasileira no periodismo científico militar no Brasil dos séculos XIX e XX*, financiado pelo CNPq, com auxílio financeiro e bolsa produtividade e ao projeto interinstitucional. *A inserção brasileira em um sistema internacional em transformação: alcances e possibilidades na segurança internacional e na defesa*, financiado pela Capes em edital Pró-Defesa. A primeira frase do título foi retirada da conferência realizada pelo cirurgião da Armada, José Caetano da Costa, veterano da Guerra do Paraguai, na Biblioteca de Marinha, no ano de 1885, durante as comemorações do 20º aniversário da Batalha Naval do Riachuelo.

<sup>2</sup> FLECK, Isabel. Paraguai exige do Brasil a volta do “Cristão” trazido como troféu de guerra. *Folha de São Paulo*, 18/04/2013. <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1264506-paraguai-exige-do-brasil-a-volta-do-cristao-trazido-como-trofeu-de-guerra.shtml>. Acesso em 20/04/2015.

<sup>3</sup> “Do ponto de vista de Deus, todas as gerações são igualmente justificadas, é mister que assim também as veja o historiador. *Apud* HOLANDA, S.B. O atual e o inatual em Leopold von Rank. In *Ranke: história*. São Paulo: Ática, 1979, p.56.

<sup>4</sup> BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-América, 1997.

<sup>5</sup> RANKE, Leopold von. Sobre o caráter da ciência histórica. In MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história*. Porto Alegre, FGV/PUCRS, 2010, p. 133-154.

<sup>6</sup> Entre o nada e o anódino: Parâmetros, Diretrizes e a reforma da Educação Nacional. *História & Ensino (UEL)*, Londrina, v. 5, , 1999. p. 103-126.

<sup>7</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

<sup>8</sup> KANT, Immanuel. Resposta à pergunta o que é o esclarecimento In KANT, Immanuel. *A paz perpetua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1992, p.11-19. FOUCAULT, Michel. O que é o iluminismo. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *Michel Foucault (1926-1984) o Dossier – últimas entrevistas*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora. Curso inédito de Michel Foucault no Collège de France, 1983.

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 224.

<sup>10</sup> ARIAS NETO, J. M. . Imprensa Militar no século XIX: um balanço preliminar. *Navegador* (Rio de Janeiro), v. 9, p. 55-64, 2013; ARIAS NETO, J. M. . Revista Marítima Brasileira – 1851-1855: Um projeto de Marinha para o Império do Brasil. In: Luiz Carlos Carneiro de Paula; Renato Jorge Paranhos Restier Junior; Marcello José Gomes Loureiro; Fabiola Maria da Silva Chagas. (Org.). *A guerra e a formação dos Estados Nacionais contemporâneos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013, v. 1, p. 116-139. NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização no exército brasileiro (1850-1881)*. Tese de doutoramento. Porto Alegre: PUC, 2015.

<sup>11</sup> Neste texto serão retomados aspectos militares da Batalha Naval do Riachuelo apenas na medida da necessidade para a presente discussão. Estes aspectos estão reunidos e bem consolidados, quer do ponto de vista tático ou estratégico, na vastíssima produção sobre a Guerra do Paraguai ao longo destes cento e cinquenta anos. Menciono os mais importantes autores atuais: MAIA, João do Prado. *A marinha de guerra no Brasil na colônia e no Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, MARTINS, Hélio Leôncio. A estratégia naval brasileira da guerra do Paraguai. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, p. 59-86, 3º Trimestre, 1997. VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A campanha naval na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, p. 48-54, 1º Trimestre 2009, ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. *A batalha naval do Riachuelo: uma visão micro histórica*. Rio de Janeiro: IGHMB, 2005. BITTENCOURT, Almirante Armando de Senna. A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In VIDIGAL, Armando & ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo (Orgs.). *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 253-300. Cabe apenas observar que a Batalha Naval do Riachuelo ocorreu a 15 km ao sul da cidade de Corrientes, no Rio Paraná. Nesta batalha bateram-se 9 navios brasileiros, somando 59 canhões e tripulados por 2.287 homens e 8 navios e seis chatas paraguaios, montando 44 canhões com 2.500 homens. A batalha se iniciou por volta de 10 horas da manhã e concluiu-se por volta de 16 horas. A marinha imperial venceu a batalha tendo sido afundados 4 navios paraguaios tendo o restante da frota fugido subindo o Rio Paraná. DONATO, Hernani. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, p. 439-40.

- <sup>12</sup> SILVA, Francisco Manuel Barroso da. Parte da Batalha do Riachuelo. In *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, ano II, V. 4, Janeiro/Junho, 1883, p. 13.
- <sup>13</sup> NORA, Pierre. Entre Mémoire et Histoire. *Les Lieux de Mémoire: La République*. Paris: Gallimard/ Centre National des Lettres, 1984 p. XXXV. Tradução: Yara Aun Khourhy. *Projeto História*. São Paulo, n 10, dezembro, 1993, p. 22
- <sup>14</sup> JACEGUAY, Arthur. Barroso e a Batalha do Riachuelo. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, ano 18, n 7, Janeiro, 1899, p. 454.
- <sup>15</sup> Idem, p. 453.
- <sup>16</sup> SILVA, Francisco Manuel Barroso da. Parte da Batalha do Riachuelo. In *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, ano II, V. 4, Janeiro/Junho, 1883, p. 13 e segs.
- <sup>17</sup> OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de. A esquadra e a oposição parlamentar. Rio de Janeiro: Typographia e Lithografia Francaza, 1868. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1921.
- <sup>18</sup> BITTENCOURT, Almirante Armando de Senna. A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In VIDIGAL, Armando & ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo ( Orgs.). *Op. Cit.*, pp. 291-2.
- <sup>19</sup> Ver também BITTENCOURT, Luiz Edmundo Brígido. *A marinha imperial na guerra do Paraguai não foi só Riachuelo*. Rio de Janeiro: Antonio de Oliveira Pereira, 2011.
- <sup>20</sup> BITTENCOURT, Almirante Armando de Senna. A batalha naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In VIDIGAL, Armando & ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo ( Orgs.). *Op. Cit.*, p. 291.-2.
- <sup>21</sup> ROSA, José María. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2008, p. 203.
- <sup>22</sup> O Decreto 3.529 de 18 de novembro de 1865 cria a Medalha e a atribui para os oficiais e praças da Armada Nacional que participaram da Batalha. A mesma honraria foi estendida aos oficiais e praças do Exército Brasileiro que também tomaram parte naquele combate através do Decreto 3.548 de 29 de novembro daquele mesmo ano. *Coleção de Leis do Império do Brasil*, 1865, parte II, <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/18482> . Acesso em 20/04/2015. Sua fita é branca com duas listas verdes laterais da largura de 6 mm, ficando a orla igualmente branca, com 2 mm de largura. Os oficiais gerais receberam a medalha para uso no pescoço, com 37 mm, em ouro. Os oficiais superiores a receberam no mesmo metal. Os subalternos e praças de marinha a receberam em prata. O Corpo de Imperiais Marinheiros e Batalhão Naval receberam em bronze. Todas as medalhas, exceto as de Oficial General, medem 25 mm. A medalha traz no averso a inscrição: "Petrus II D. G. Const. Imp. Et Perp. Brás. Def. 1865". No campo a efígie do Imperador à esquerda, entre dois ramos, um de fumo e outro de café. No reverso: "Combate Naval do Riachuelo". No campo, entre um ramo de carvalho e um de palma, uma âncora e uma peça de artilharia (canhão) em cruz. Sobre elas e ao centro, um escudete com a inscrição "11 de junho de 1865". Sobre a medalha há uma coroa Imperial, articulada e encimada por uma argola para a fita. Informações reproduzidas de: <http://tudoporsopaulo1932.blogspot.com.br/2012/07/medalha-da-batalha-naval-do-riachuelo.html> . Acesso em 20/04/2015.
- <sup>23</sup> ROCHA, Manuel Carneiro. *Diário da campanha naval do Paraguai – 1866*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1999. INHAÚMA, Visconde de. *Diário pessoal do Almirante Visconde de Inhaúma durante a Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro: Guilherme de Andrea Frota, 2008.
- <sup>24</sup> Rocha, MANUEL Carneiro. *Op. Cit.*, p. 140.
- <sup>25</sup> INHAÚMA, Visconde de. *Op. Cit.*, p. 95.
- <sup>26</sup> Idem, p. 203.
- <sup>27</sup> TORAL, André. *Imagens em desordem: a iconografia sobre a guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2001. SILVA, Grazielle Rezende da. O Combate Naval do Riachuelo da História para Pintura. *Revista Virtú*. Juiz de Fora, UFJF n 7, primeiro semestre 2008. SILVA, Luiz Carlos da. *Representações em tempos de guerra: Marinha, Civilização e o quadro Combate Naval do Riachuelo de Victor Meirelles (1868 – 1872)*. Curitiba: UFPR, Dissertação de Mestrado, 2009.
- <sup>28</sup> TORAL, André. *Op. Cit.*, p. 121.
- <sup>29</sup> Sobre os detalhes desta crise ver: NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. 5 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997; HOLANDA, Sergio Buarque. Do Império à República. In HOLANDA, Sérgio B. (Dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico*. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, t. 2, v 5.
- <sup>30</sup> ANTUNES, Eusébio José. *Memórias das campanhas contra do Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007.
- <sup>31</sup> OURO PRETO, Afonso Celso, *Op. Cit.*, p. 583.
- <sup>32</sup> VIDIGAL, Armando Amorin Ferreira. A campanha naval.. *Op.Cit.*, p.52.
- <sup>33</sup> NABUCO, Joaquim. *Perfis parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 155.
- <sup>34</sup> *Apud*. BOITEUX, Lucas A. *Ministros da Marinha: notas biográficas*. 3ª Série (1865-1889). Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1959, p.69.
- <sup>35</sup> Relatório do quartel general, anexo ao *Relatório do Ministro da Marinha*, 1888, p. 7.
- <sup>36</sup> ARIAS NETO, J. M. *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional, 1867-1910*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- <sup>37</sup> ARIAS NETO, J. M. Imprensa Militar... *Op. Cit*. NASCIMENTO, Fernanda de S. *Op. Cit*.
- <sup>38</sup> Nossa pesquisa levantou a existência de 24 periódicos militares existentes nos anos cinquenta, dos quais 07 são produzidos por oficiais da Marinha e pelo menos um no qual oficiais do Exército e da Marinha produziram conjuntamente no período da Guerra do Paraguai..
- <sup>39</sup> Doravante utilizar-se-á apenas *RMB*.
- <sup>40</sup> FONSECA, Ignacio Joaquim da. O Combate de Cuevas. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, ano Primeiro, V 2, Janeiro; Junho, 1882, p. 333- 361. O conferencista era chefe de Divisão Graduado e é também autor do livro *A batalha do Riachuelo* publicado em 1883, no Rio de Janeiro pela Typographia Lombaerts & Co.
- <sup>41</sup> Após a batalha do Riachuelo, os paraguaios tentaram duas vezes, sem sucesso, cortar as comunicações entre a esquadra da base de operações dos aliados. Para isto, estabeleceram fortificações nas barrancas do Rio, uma em

Mercedes, cuja passagem pela esquadra foi realizada no dia 18 de junho, e outra em Cuevas, cuja passagem se fez com grande esforço no dia 12 de agosto. Ambas localizavam-se entre Corrientes em Empedrado.

<sup>42</sup> FONSECA, Ignacio Joaquim da. O Combate de Cuevas. *Op. Cit.*, p. 360-61.

<sup>43</sup> S/A. 11 de junho, Batalha do Riachuelo ( 20º aniversário) . *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, ano IV, V 4, Janeiro/Junho, 1885, p. 331-32.

<sup>44</sup> Idem, p. 332.

<sup>45</sup> Idem, ibidem.

<sup>46</sup> Idem, p. 336-37

<sup>47</sup> Idem, p. 337-38

<sup>48</sup> Idem, p. 339.

<sup>49</sup> Editoria. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, ano VIII, V 16, Janeiro/Junho, 1889, p. 299.

<sup>50</sup> *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro. Ano XV, T 8º, Janeiro/Junho, 1896, p. 509-538.

<sup>51</sup> *O Paiz*, 01 de fevereiro de 1899. Hemeroteca Digital Brasileira. [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_02&pasta=ano%20189&pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_02&pasta=ano%20189&pesq=)

<sup>52</sup> Cidade do Rio/ Jornal da Tarde. 01 de fevereiro de 1899. Hemeroteca Digital Brasileira. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=085669&pasta=ano%20188&pesq=>

<sup>53</sup> Editoria. Os veteranos da Guerra do Paraguai. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Ano XVII, N 7, p. 332.

<sup>54</sup> Idem, p. 333.

<sup>55</sup> Idem, p. 333-34.

<sup>56</sup> Idem, p. 338.

<sup>57</sup> Idem, p. 339.

<sup>58</sup> BURLAMAQUI, Armando. Onze de junho, Riachuelo, Suas lições *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, V. 46, Janeiro/Junho, 1905, p. 1601-610.

<sup>59</sup> Idem, p. 1.606.